N.º 551. Anno de 1830.

DIARIO DE PERNAMBUCO

SEXTA FEIRA 17 DE DEZEMBRO. *S. Calamico M.*

Preamar as 6 horas e 6 minutos da tarde.

PERNAMBUCO. NA TIPOGRAFIA DO DIARIO, RUA DIREITA N. 267 1830.

TEMOS sempre ouvido queixas continuas dos Srs. Juizes de Paz, umas vezes por excessos, e arbitrariedades, outras por desleixo, e ommissões, e bem que algumas sejaõ infundadas e outras naõ tenhaõ mais fundamento do que a novidade da instituiçaõ, que naõ agrada a uns, e fere os interesses d'outros: todavia alguns dos nossos Juizes de Paz tem dado motivos a queixas que naõ podem ser cabalmente defendidas so com os tropeços, e obstaculos, que a instituiçaõ tem achado, e devia achar. O nosso Amigo o Sr. Lira Juiz de Paz do Bairro de S. Antonio he entre os desta Cidade o mais accusado, e permitta nos o nosso amigo que lhe digamos com franqueza, que elle naõ esgota todos os recursos, que estaõ ao seu alcance para conseguir o credito da instituiçaõ, como he taõ necessario; principalmente no que diz respeito a policia, segurança, e tranquilidade do seu Bairro. Um nosso correspondente taxa de indolentes a este respeito os Srs. Juizes de Paz em geral, e diz que he necessario recorrermos a' actividade do Ex. Sr. Prezidente para providenciar, como lhe cumpre, sobre os frequentes roubos, commettidos dentro da Cidade, os quaes mais se augmentaõ com a proximidade da festa do natal, sem que seja possivel colher um so ladraõ, desacreditando isto a tropa, a quem esta' encarregada a segurança Publica, concluindo que ou as rondas naõ vellaõ, ou saõ tollerantes. Nos naõ somos inteiramente do parecer do nosso correspondente; os nossos Juizes de Paz da Cidade saõ zelosos; mas elles so por si naõ podem occorrer a estes males, cujos executores sabem baldar essa pouca vigilancia, que ha a seu respeito: he principalmente do pouco patriotismo, he do velho mao costume de nos entregarmos, de confiarmos cega e estupidamente so do Governo a vigilancia da nossa segurança, he da nossa indiferença criminosa, que nascem estes males, que o mais acrizolado zelo, e assidua energia dos Juizes de Paz naõ pode curar. Elles nem achaõ Officiaes de quarteiraõ, que os ajudem, como he mister; ainda que naõ tem bastante desembaraço para hir despedindo aos que naõ servem, sem attençaõ a respeitos particulares, e hir chamando outros, que melhor se prestem, e que tenhaõ amor ao seu paiz. Mas naõ he so delles, que deve nascer essa vigilancia, que o nosso correspondente lhes reclama, advertindo-os, de que saõ responsaveis pela falta de cumprimento dos seus deveres, e de que tem a sua disposiçaõ, logo que a requizitem, força armada para auxiliar o desempenho delles; esta' tambem por certo da nossa parte, prestarmo-nos, quando he necessario, sem que sejamos impellidos: em quanto formos indifferentes, e immoveis espectadores de um attentado, esperando, que venha o Juiz de Paz, ou a ronda acomodar hum barulho, livrar o Cidadaõ das maõs de assassinos, ajudar a repellir, ou segurar o ladraõ; feixando-nos, sem compaixaõ ao menos, em casa, e trancando bem as nossas portas, quando ouvimos os gritos dos que reclamaõ o nosso soccorro, naõ esperemos, que as coisas melhorem: todos nos devemos interessar pela segurança dos nossos concidadaõs, pela perseguiçaõ dos facinorosos, e puniçaõ dos crimes, naõ so por que assim o exigem os deveres da sociedade, como por nosso interesse proprio, para que se nos soccorra tambem quandos nos virmos

opprimidos. Quanto a nos, he nisto que esta' essa segurança, que debalde se procura nas rondas, que so poderiaõ prehenxer perfeitamente o seu fim, alem de outras circunstancias, sendo umas poucas de vezes duplicadas, o que todos sabem ser impossivel.

SNR. EDITOR — Os novos Jesuitas ultimamente introduzidos por Carlos, que foi 10 para lhe sustentarem o absolutismo, saõ pais dos novos apostolos, e estes, segundo a melhor genealogia geraraõ os nossos façanhozos columnistas: e como aguias naõ geraõ pombas, desmascarar os maleficios dos avos he fazer bem patentes as habilidades dos netos. Os Jesuitas primitivos, diziaõ-se sustentaculos dos Thronos, e Altares, os quaes todavia defendiaõ, ou atacavaõ, conforme fazia bem a sua pestifera sociedade: os Apostolicos dizem, que tem a mesma lingoagem; e os nossos columnistas, que destes descendem, asseveraõ, que naõ estaõ no mundo para outra coisa; se naõ para atlantes dos Thronos, e mais dos Altares, de sorte que vem a ter o toutiço muito mais vigoroso, do que o proprio Atlante; porque este sustentava, diz a Sra. Mythologia, um mundo so: e ca os nossos bonifrates da columna sustentaõ dous, o temporal, e o espiritual. Que boa gente para Galegos!

Vamos ao caso. Em 1647 (ha agora 183 annos) ajuntando na sua prezença D. Fernando Guerreiro, Arcebispo de Manilha nas ilhas Filipinas, os Superiores das cazas religiozas, e as pessoas mais doutas, e estimadas da mesma Cidade para as consultar sobre um escrupulo de consciencia, que tinha, de que os Padres da companhia de Jesus desses districtos pregavaõ, e confessavaõ sem licença do Ordinario; foi resoluçaõ dessa junta (que foi repetida muitas vezes sobre o mesmo objecto) que era obrigaçaõ do Arcebispo perguntar aos religiosos da companhia, que licença tinhaõ para assim o fazer. Perguntou lhes com effeito, e a resposta foi, que tinhaõ privilegios. Pouco satisfeito o Arcebispo com esta resposta, mandou os por via de diteito; que mostrassem essas faculdades, e privilegios. Nomearaõ logo os Jesuitas um Juiz conservador. Este foi um conego de Manilha, inimigo do Arcebispo por este haver procedido contra elle por sua vida escándalosa. Era o lanço grandemente oportuno; porque o Governador D. Hurtado de Corquera intimo amigo dos Jesuitas, estava atravessado com o Prelado por naõ ter querido dar a estes Padres uma caza, e quinta de recreio, que era do Arcebispado, a quem a tinhaõ cedido os religiosos Agostinianos. Ajuntaraõ-se os Jesuitas, e o Governador, que era seu amigo, seu confessado, e de quem compunhaõ todo o conselho; e resolveraõ expulsar da sua Se o Arcebispo. Parao Governador executar esta resoluçaõ foi presidir ao concelho. Sem citar, nem ouvir o Arcebispo proferio huma sentença de expulsaõ, e desterro contra elle; porque naõ tinha querido obedecer a sentença do conservador, Tomou-se a resoluçaõ de executar logo no mesmo ponto a sentença.

Por conselho das communidades religiosas, que logo acodiraõ todas em procissaõ com vellas nas maõs a' caza do Arcebispo, revestio-se este dos habitos Pontificaes, e se deixou estar na sua Capella com o Smo. Sacramento nas maõs. Mandou logo o Governador soldados, que fossem armados, e com espingardas carregadas, e obrigassem os religiosos a sahir da Capella, e deixar o Arcebispo so. Elles o fizeraõ com a maior violencia, que se pode imaginar, sem que lhes approveitassem as suas reprezentações, ou o respeito devido a prezença do Divino Sacramento. O mesmo Arcebispo, sendo arrastrado por estes homéns furiosos, cahiou com o rosto em terra, tendo nas maõs o Vaso Sacrosancto. Ficou so, teudo ao redor de si sincoenta soldados para o prender, e segurar, a penas deixasse o Smo. Sacramento. Vendo um dos soldados o meio, de que se usava para o deter, e que arriscavaõ a vida, se naõ executassem as ordens do Governador, desembainhou a espada, e atravessou-se, dizendo "que antes queria morrer por suas proprias maõs do que ver taes horrores entre christaõs".

Quebrado o Arcebispo com a fadiga, e com os seus muitos annos, foi em fim obrigado a pôr o Santissimo Sacramento sobre o Altar. No mesmo instante lançaraõ maõ delle o Sargento Mor, e os Soldados, e o pozeraõ fora da Cidade em huma barca pequena, e ma', desprovîda de tudo, sem permittirem a Christaõ algum, que lhe levasse sustento, nem a al-

gum dos seus creados, que o acompassem. Com sinco soldados, que lhe deraõ para escolta, o levaraõ a huma ilha dezerta, onde naõ havia nem huma pobre cabana para se recolher.

Ainda que neste tempo tinhaõ cessado os officios Divinos em toda a Cidade por causa de hum interdicto solemne, que todos os Religiosos guardavaõ com o respeito, e veneraçaõ, que eraõ obrigados: com tudo os Jezuitas tinhaõ as suas Igrejas abertas, pregavaõ, confessavaõ, diziaõ Missa, e taõbem iaõ dizella a caza do Governador, a quem administravaõ os Sacramentos. Tiraraõ o governo ao Arcebispo, e o deraõ a outrem por ordem do seu Juiz Conservador, que fez logo occupar todos os bens do Arcebispo, e os mandou vender em leilaõ, ate' o mesmo Baculo para pagar as condemnações, que lhe tinha imposto. (Vide Relaçaõ das perseguições dos Jezuitas ao Arcebispo de Manilha, impressa em 1647.)

O Veneravel D. Joaõ de Palafox, Bispo da Povoa dos Anjos na Nova Hespanha na sua segunda Carta escripta ao Papa Innocencio 5.° a 8 de Janeiro de 1649 exprime-se assim " Os Ecclesiasticos, que tinha mandado a Roma a prezença de V. Santidade, disseraõ, Santissimo Padre, que os Juizes Conservadores, que os Jezuitas tomaraõ para si, me tinhaõ excomungado. Vendo, que o meu Povo se naõ movia com isto, e que pelo contrario estava inviolavelmente unido comigo, arrebataraõ-se de hum furor taõ cego, e violento (porque entendiaõ, que os desprezava a elles) que entraraõ no projecto de me prender a mim, que sou o seu Bispo, se naõ consentisse em sujeitar a auctoridade do meu lugar, e a dignidade do meu Ministerio a sua desmarcada ambiçaõ. Compraraõ por huma grande somma de dinheiro o favor do Conde de Salvaterra, nosso Vice-Rei, que ainda fora disto, naõ me era afeiçoado. Por meio delle usaraõ contra nós das armas, e da violencia. Arrastaraõ a cadea Ecclesiasticos, e Seculares, e nos obrigaraõ a supportar mil injurias, e indignidades. Ajuntaraõ huma companhia de homens armados, composta das pessoas mais perdidas, e depravadas, que poderaõ achar, e dellas se serviraõ para me prender, para me despojar da minha dignidade, e dissipar o meu rebanho. Para isto escolheraõ o dia da festa do Santissimo Sacramento. Sem respeito as censuras Ecclesiasticas, que eu tinha publicado contra elles, e com as quaes estavaõ ligados, suspensos, e irregulares naõ deixavaõ de celebrar Missa publicamente, administrar os Sacramentos, confessar os seculares, e ate' pregar nas outras Igrejas fora das suas.

Fugî, Santissimo Padre, para as montanhas, e busquei na companhia dos escorpiões, das serpentes, e dos outros animaes peçonhentos, que saõ immensos nestas terras, a paz, que naõ havia podido achar nesta implacavel Companhia de Religiosos, que se dizem *defensores do Throno, e do Altar*. Depois de haver passado assim 20 dias com grande perigo de vida, e em tal necessidade de sustento, que algumas vezes nos viamos reduzidos a naõ ter outro comer, nem outro beber mais, do que unicamente o paõ da afflicçaõ, e a agoa das lagrimas, achamos em fim huma pobre cabana, onde estive escondido perto de 4 mezes.

Vendo pois os Jezuitas, que me naõ descobriaõ, por mais que me procuravaõ para me metter na prizaõ; resolveraõ perseguir, affligir, e atormentar cruelmente o meu rebanho; e eisaqui de que sorte o exeutaraõ com grandissimo escandalo de todo o Povo. Primeiramente mandaraõ vir da Cidade do Mexico os seus pertendidos Juizes Conservadores, que saõ dous Dominicanos, que eu pouco antes tinha excommungado por suas torpezas; e tendo junto hum grande numero de carruagens, para os ir esperar em caminho, os trouxeraõ com huma pompa incrivel para a Cidade da Povoa dos Anjos. Hiaõ entretanto os Jezuitas a cavallo pelas ruas, e praças publicas, bradando em voz alta ao Povo " que se pozessem de joelhos à estes dous Juizes Conservadores; porque eraõ Papas, e Summos Pontifices. " Depois havendo-lhes posto na cabeça huns chapeos de tafeta' roxo, os levaraõ com grande magnificencia por todas as praças publicas. Mandaraõ-lhes levantar com grande apparato hum Tribunal; fizeraõ dar tractos de muitos modos à todos os Ecclesiasticos, e pobres seculares, excomungando huns, confiscando outros, e servindo-se do soccorro de braço secular para os desterrar, encarcerar, injuriar, e perseguir por todas as formas. Cometteraõ hum adulterio espiritual: levantaraõ hum altar sacrilego contra hum altar legitimo: esta-

belecerao outros Officiaes, outro Provisor, e Vigario Geral, e taõbem hum Vigario para as Religiosas, e lançaraõ fora todos os que eu tinha nomeado. Com o pretexto de solemnizar a festa de Santo Ignacio, seu Fundador, vestiraõ de mascarados os seus Estudantes, os quaes saîraõ pelas ruas ao meio dia, reprezentando as scenas mais ridiculas contra a minha Dignidade Episcopal. Hum levava em huma maõ a Imagem do Menino Jezus, e na outra appresentava a todo o Povo o que naõ he licito nomear (impudicissimum instrumentum) Outro levava atado a cauda do cavallo o Baculo Episcopal, e nos estribos a imagem de huma Mitra, para mostrar, que a pizavaõ com os pes &c. "

Eis aqui os feitos portentosos (fora mil outros, que por brevidade omitto) dos decantados Jezuitas, avós legitimos dos nosses Columnistas. Aquella pestifera sociedade, apenas foi admittida em alguns Estados da Europa, tractou logo de ramificar-se. Della se engendraraõ Apostolados, e Columnas, promettendo aos Reis sustentar-lhes o absolutismo, fazendo-o derivar do seio da Divindade ; porque essa gente sabe ir buscar ao ceo tudo quanto lhe faz conta, excommungando de antemaõ a quantos lhes descortinaõ as patranhas. Saiba pois o innocente Povo; que Columnista he synonimo de Jezuita, gente hypocrita, e superlativamente velhaca, gente abominavel, e de hum egoismo fora de todas as marcas : e ainda diz o Amiguinho das gentes, que naõ escreve

O Somnambulo !

SNR. EDITOR. — Ha' chegado a minha noticia, que na noite do dia 14 do corrente deraõ pancadas no Snr. Barata, e como eu dias antes tive huma dezavença com elle, quer este, e parte do publico, que eu seja quem tal traiçaõ mandou fazer : avista de taõ negra calumnia, naõ devo calar-me, fazendo-me assim cumplice no que se me attinge : inda que louvor em boca propria seja vituperio, afoito-me a diser que huma acçaõ taõ vil, e' indigna de mim, o que posso provar. Naõ quero taõbem deixar de lembrar a esses meus detractores, que naõ sendo eu destituido de senço commum, se poderia cair em mandar fazer huma traiçaõ ao Snr. Barata trez, ou quatro dias depois da dezordem, que com elle tive, sem que me lembrasse de que ficava sugeito a que com verdade se dicesse, o que agora com mentira se diz. Eu supponho que o Sr. Barata sabe, ou naõ tardara que saiba d'onde lhe veio este mal, e entaõ far-me-ha justiça elle, e o publico a quem peso que melhor discorraõ a respeito de tal sucesso. A vista porem do que levo dito, e hei declarado ; protesto fazer curvar-se ao pezo da lei os groceiros destractores do meu caracter, e ao Sr. Barata so lembro que hajá de deitar a carga para cima de quem justamente merece, e naõ seja parcial em negocio taõ serio.

Eu sou Sr. Edictor.
Seu muito Venerador e Constante leitor.
Arcenio Pompilio Pompeo de Carpo.

Avizos Particulares.

PRECIZA-SE de hum cuzinheiro, livre, ou escravo, ou mesmo mulher : na Tipografia deste Diario se dira' quem.

— Quem percizar de huma ama de caza muito capaz ; dirija-se a praia de S. Joze caza da esquina junto a do dizimo.

Compra-se.

A QUEM por menos vender, taboado de louro de boa qualidade : na Salla da Inspecçaõ do Trem Militar das 9 horas da manhã por diante.

Vende-se.

HUMA Botica no principio da rua Direita D. 21 : na mesma, ou na rua Nova 2.° andar do sobrado D. 3.

— A dezobriga nesta Praça, uma venda com poucos fundos, bastantes comodos para huma familia, e bom quintal com sahida para a rua do Rangel : na mesma na rua do Livramento D. 3.

Escravos Fugidos.

MARIA, naçaõ Angola, de idade de 50 annos, cor fula, baixa, dedos curtos, e alguns cabelos brancos, fugida no dia 10 do corrente : os aprehendedores levem-a a rua Direita caza D. 11, 3.° andar, que sera' recompençado.

PERNAMBUCO. NA TIP. DO DIARIO, RUA DIARRIT N.° 267 1830.